

4

A passagem ao ato

Já não quero palavras
Nem delas careço.
Drummond

Lacan no seminário X desenvolve os contornos de uma patologia do ato acerca da posição do sujeito no lugar de objeto. Entende-se por patologia do ato as modalidades clínicas onde a impulsividade de atos se sobressai aos sintomas clássicos referentes a uma formação de compromisso em obediência ao princípio do prazer. Tratam-se das toxicomanias, da bulimia, dos transtornos de déficit de atenção e dos casos de violência em geral, modalidades clínicas que sublinham a passagem ao ato como questão principal do sujeito.

A primeira aula de Lacan do seminário X "A angústia" (1962-63/2005), inicia-se por um esquema proposto pelo autor a partir da decomposição do termo freudiano "inibição". Lacan entende que o distúrbio que libera o movimento à revelia do sujeito, como acontece na passagem ao ato, tem estreita relação com a inibição que trava o movimento. Através deste esquema proposto por Lacan, Rabinovich localiza a posição do sujeito no lugar de objeto e circunscreve clinicamente esta posição na ordem da patologia do ato e não na ordem do sintoma.

Tudo que Lacan desenvolve nesse seminário acerca da inibição é, na realidade, a elaboração da patologia do sujeito colocado do lado do objeto, como desejante. Essa patologia se elaborará através dos conceitos de inibição, *acting out* e passagem ao ato. Portanto, a resposta à pergunta sobre o que é o sujeito desejante em posição de objeto do desejo do Outro se encontra clinicamente na patologia do ato, isto é, na inibição, no *acting out* e na passagem ao ato. (...) tudo que se refere à posição do sujeito desejante como objeto não o encontraremos primordialmente, numa clínica do sintoma (Rabinovich, 1992/2005, p.36).

Se a passagem ao ato, o *acting out* e a inibição situam-se numa clínica do ato, é importante destacar a diferença entre inibição e sintoma proposta por Freud. Em termos bem amplos a inibição é uma restrição de alguma função do eu, não necessariamente patológica. Já o sintoma equivale a um signo de algo patológico e é fruto do mecanismo do recalque.

Freud no texto de 1926 "Inibição, sintoma e angústia" destaca, entre as

inibições das funções do eu, as funções sexual, de locomoção, de nutrição e do trabalho. De acordo com Freud, o eu renuncia à função a fim de evitar um conflito com o Isso ou com o supereu e assim ele evita a adoção de novas medidas de recalçamento.

Como exemplo de uma inibição relativa ao conflito entre o Isso e o eu, Freud toma a inibição de um órgão físico, destacando a inibição do ato de escrever. Este ato pode ganhar uma significação sexual decorrente de uma intensa erotização do órgão responsável pela função de escrever. O eu renuncia a esta função a fim de evitar a angústia, pois neste caso escrever representaria um ato sexual recalçado.

Freud classifica as inibições resultantes de um conflito entre o supereu e o eu como inibições que estão a favor da autopunição e frequentemente afetam o campo das atividades profissionais não permitindo que a pessoa tenha êxito no trabalho. Há também outro grupo de inibições referentes ao trabalho de luto onde o sujeito encontra-se restringido em seus movimentos devido a uma diminuição de energia libidinal que fica investida no objeto amado perdido.

As inibições são defesas que evitam o desenvolvimento da angústia antecipando a formação do sintoma que, por sua vez, exige mais energia. O sintoma definido como retorno do recalçado implica em um maior gasto de energia por parte do sujeito por implicar em novo movimento defensivo. O sintoma é uma formação de compromisso na medida em que cria algo no lugar do acossamento pulsional sentido como ameaçador pelo eu. Tanto a inibição quanto o sintoma são maneiras do sujeito lidar com a angústia. O diferencial entre esses dois conceitos se encontra no fato de que a inibição é ligada ao encolhimento, à redução das funções do eu, enquanto o sintoma traz o acréscimo da função.

Lacan no seminário X situa a inibição como oposição ao movimento no sentido mais amplo do termo. Assinala que "Freud, a propósito da inibição, limitou-se a falar da locomoção. Existe movimento, pelo menos metaforicamente, em toda função, mesmo que não seja locomotora" (Lacan, 1962-63/2005, p.18). Logo o termo "movimento" não se refere unicamente ao movimento motor.

A partir da decomposição da inibição em dois eixos, respectivamente o eixo do movimento e o eixo da dificuldade, Lacan apresenta um esquema onde as conjunções entre o movimento e a dificuldade irão precipitar o ato em sua modalidade de impulsividade (passagem ao ato e *acting out*).

	DIFICULDADE		
M O V I M E N T O	Inibição	Impedimento	Embaraço
	Emoção	Sintoma	Passagem ao ato
	Perturbação	Acting-out	Angústia

O eixo do movimento é referente ao sentido que libera o movimento, ao passo que o eixo da dificuldade se refere à problemática da dificuldade do sujeito em se movimentar, o percurso desse eixo encontra o limite da castração. Em relação ao eixo da dificuldade, Lacan propõe, a partir da inibição, o termo impedimento, que é o que introduz o limite de quanto um objeto pode ser investido pelo sujeito tendo no horizonte a castração. Nesta situação não é uma função que se encontra impedida, mas o próprio sujeito. Em seguida é apresentado o termo embaraço, situado como uma "forma mais leve de angústia" (Lacan, 1962-63/2005, p.19).

Na medida em que o embaraço é o grau mais agudo de dificuldade, ele coloca para o sujeito um impasse maior do que a inibição. É a experiência que Lacan assim descreve: "Quando vocês já não sabem mais o que fazer de si mesmos, procuram alguma coisa em que se escorar" (Lacan, 1962-63/2005, p.19-20).

Na dimensão do movimento, na direção de sua liberação, Lacan situa o termo emoção logo abaixo da inibição. A emoção "é o movimento que desagrega, a reação a que chamamos catastrófica" (Lacan, 1962-63/2005, p.20). O sujeito é tomado por uma emoção que o impulsiona a um movimento caótico que ignora a sua própria vontade.

Diante deste conceito é válido questionar, assim como fez Lacan, se a emoção é correlata do afeto da angústia. O autor é enfático ao responder a esta questão, marcando com precisão que a emoção não é afeto. Elabora então um termo que indica uma experiência que ultrapassa a emoção em seu aspecto catastrófico. O grau máximo que o movimento caótico pode alcançar Lacan denominou "efusão" (émoi) - "O termo francês *émoi* tem também as acepções de perturbação, comoção, desassossego, efervescência, tumulto, desnorteamento etc." (Lacan, 1962-63/2005, p.20).

Lacan deixa três espaços dentro do quadro que indicam as manifestações clínicas que correspondem a formas do sujeito lidar com a angústia. O primeiro termo situado do lado da emoção é o sintoma. Este se encontra entre a inibição e o impedimento, corresponde ao momento em que o sujeito encontra-se um pouco mais impedido e um pouco mais livre em relação ao movimento do que na inibição.

Lacan sustenta ao longo do seminário as duas incógnitas que se encontram no caminho da angústia. A análise de Miller é que a omissão dos dois termos restantes (*acting out* e passagem ao ato) tem a serventia de mostrar que apesar de Lacan tentar enquadrar a angústia na rede significante "não é aí que ela se deixar pegar" (Miller, 2005, p.15). Neste seminário Lacan afasta a ideia de que a angústia é uma emoção e a define como afeto. O afeto "se desprende, fica à deriva. Podemos encontrá-lo deslocado, enlouquecido, invertido, metabolizado, mas ele não é recalcado. O que é recalcado são os significantes que o amarram" (Lacan, 1962-63/2005, p.23).

Tudo que é da ordem do imaginário é passível de certo engano, de uma ilusão, assim como no campo simbólico revela-se a dimensão da ficção e do semblante. "A angústia é a única que não engana, mas o que não engana é o que não se deixa significantizar, não se deixar pegar pela dialética. Trata-se do resto real" (Miller, 2005, p.43). Enquanto o imaginário e o simbólico giram em torno do real, a angústia o designa propriamente. Assim a angústia é o afeto que não engana, do momento em que é o correlato da aparição do objeto *a*, não simbolizável. Se a angústia gera certeza e, como já foi dito anteriormente, agir é arrancar a certeza da angústia, fica claro o nexos entre angústia e ação. Não é a toa que Lacan coloca os termos *acting out* e passagem ao ato como as situações mais próximas do afeto da angústia.

Na confluência entre efusão e impedimento emerge o *acting out*. O sujeito encontra-se impedido pela contenção característica da inibição, somando-se a isso o estado de efusão que designa o grau máximo de movimento desordenado.

Pela via do *acting out* o sujeito interroga ao Outro quanto ao seu lugar na cena em que eles dividem. A posição de um objeto desejante, como aponta Rabinovich (1992) é correlata à tentativa do sujeito de evadir-se da certeza quanto ao desejo do Outro, visto que o Outro quer me incorporar, me devorar, quer a minha morte enquanto sujeito desejante. O sujeito impedido de se mover

em direção aos seus objetos de desejo, situado no limite máximo da castração, somado à posição de perturbação máxima do movimento, recorre ao *acting out*.

O *acting out*, embora seja uma expressão da repetição que surge no limite da cadeia associativa, é submetido ao limite da castração, ou seja, ele é delimitado ao campo do Outro. O *acting out* tem um endereço, o que o promove a um conceito intimamente ligado à transferência, por isso, Lacan nomeou o *acting out* como “transferência selvagem”. “A transferência sem análise é o *acting out*. O *acting out* sem análise é a transferência” (Lacan, 1962-63/2005, p140).

A submissão do sujeito precipitado em um *acting out* à cena é um ponto importante a destacar, pois é o ponto que chama atenção para uma nuance do próprio campo do *acting out*, que permitiu a Lacan destacar dele o conceito de passagem ao ato, que é um termo originário da psiquiatria. A partir desta observação, Lacan introduz as noções de "mundo" e de "cena". No *acting out* o sujeito não sai de cena, ao passo que na passagem ao ato há uma tentativa de saída da cena para o mundo.

A cena para Lacan é um registro referente à fala, à fantasia, às representações, é um registro onde o sujeito está referido ao campo do Outro, e se endereça a ele. A história é necessariamente encenada e mantém todo o seu valor no processo de uma análise. "Mas o problema é determinar onde está montada a cena e como está montado o espetáculo, e, portanto, Lacan se dedicará a construir a estrutura topológica do mundo, isto é, as condições da cena tal como o significante a torna possível" (Rabinovich, 1992/2005, p.29). A única forma possível do sujeito contar, sonhar enfim viver, é dentro da cena. No entanto só é possível existir a cena se pressupusermos outro registro que a sustente. Este registro, que é o mundo, é referente ao irrepresentável, ao sem sentido. De acordo com Lacan, o mundo é o

lugar onde o real se comprime, e do outro lado, a cena do Outro, onde o homem como sujeito tem de se constituir, tem de assumir um lugar como portador da fala, mas só pode portá-la numa estrutura que, por mais verídica que se afirme, é uma estrutura de ficção (Lacan, 1962-63/ 2005, p.130).

A cena se refere a uma história que pode ser verdadeira ainda que sua verdade seja uma meia verdade. A ficção inventada por cada indivíduo é uma proteção frente ao mundo que representa o ponto de real na história.

A passagem ao ato e o *acting out* são soluções do sujeito para lidar com a angústia que se apresenta nas rachaduras da história de cada um. Na passagem ao ato, o sujeito se precipita para fora da cena, ele tenta romper com o Outro. No esquema de Lacan, a passagem ao ato é colocada entre o embaraço (momento máximo de dificuldade do sujeito) e a emoção (grau de movimentação intermediário entre a inibição e a efusão). O sujeito está no máximo de sua dificuldade, como diz Lacan, no máximo da sua barra de castração, a ponto de não conseguir se movimentar em direção ao Outro. Segundo Lacan: "O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento" (Lacan, 1962-63/2005, p.129).

No seminário "A angústia" (1962-63/2005), Lacan utiliza-se de casos clínicos que ele considera como paradigmáticos para a problemática da passagem ao ato e do *acting out*. A partir dos casos "Dora" (1901) e da "jovem homossexual" (1920) de Freud, Lacan tece seu argumento geral sobre a problemática dos atos impulsivos que se apresentam através das manifestações clínicas da passagem ao ato e do *acting out* demarcando as suas diferenças. Outro caso clínico importante para a reflexão acerca do *acting out* é o caso clínico dos "miolos frescos" publicado pelo psicanalista Ernst Kris. A seguir entraremos na discussão dos casos clínicos à luz de Lacan.

4.1 Casos clínicos: "miolos frescos", "Dora", e "a jovem homossexual"

De acordo com as assertivas lacanianas, vimos que o ato contido nas manifestações impulsivas, tanto no *acting out* quanto na passagem ao ato, é precipitado pela aparição de um objeto que vem recobrir o lugar de *a* que deveria ficar vazio. Assim como a noção teórica de objeto *a*, a noção de cena também é fundamental para pensar a questão da passagem ao ato. A cena como o lugar onde o sujeito constrói sua história equivale ao campo transferencial, a passagem ao ato supõe um lançar-se fora do campo transferencial, diferentemente do *acting out* que comporta sempre um endereçamento.

Em relação ao *acting out*, Lacan comenta em algumas passagens de sua obra o caso clínico publicado pelo psicanalista inglês Ernst Kris sobre um analisando seu e um *acting out* produzido pelo mesmo. Trata-se de um jovem

acadêmico de 30 anos de idade que procura análise devido a uma inibição na produção de seu trabalho de pesquisa. O motivo dessa inibição é o pensamento de que é um plagiador de ideias, e especialmente que plagia as ideias de um amigo.

No transcorrer do tratamento, o paciente relata que havia se deparado com um livro publicado pelo seu amigo na biblioteca da universidade onde trabalha, e constatado que grande parte das idéias defendidas por ele já estavam contidas neste livro. Tal experiência reforça a idéia de que ele é um plagiador. Kris não se convence desta impressão de seu analisando e recorre ao tal livro a fim de comparar as ideias nele contidas com os escritos de seu analisando.

O exame de Kris lhe sugere que seu analisando não era um plagiador; pelo contrário, ele é que havia sido plagiado pelo seu amigo. As sessões que se seguiram foram conduzidas por Kris na direção de mostrar ao analisando que na verdade ele é quem foi vítima de plágio. Como resposta a esta intervenção, o analisando revela a Kris que ao final das sessões nas quais o tema do plágio era desenvolvido, ele se dirigia a um restaurante situado nas redondezas do consultório para comer miolos frescos.

Lacan em (1954) faz uma crítica severa à intervenção de Kris qualificando-a como superficial. O autor repreende a postura investigativa da realidade que Kris toma, ao ir atrás dos textos para julgar quem era de fato o plagiador em questão. Lacan avalia que esta intervenção não foi baseada em uma escuta do inconsciente porque Kris reduz o conflito do analisando "confrontando o mundo (patterns) do sujeito, para remodelá-lo" (Lacan, 1954/1998, p.400). Assim, sua escuta estava comprometida pela própria dimensão egóica do analista.

Diante dos recursos da realidade dos quais Kris se utilizou, "o sujeito não tem como contestá-lo". "Com os miolos frescos, o paciente simplesmente faz um sinal para Ernst Kris: tudo o que o senhor diz é verdade, mas simplesmente não toca na questão; restam os miolos frescos. Para mostrá-lo ao senhor, vou comê-los ao sair, para lhe contar isso na próxima sessão" (Lacan, 1962-63/2005, p.139).

Lacan em "Direção do tratamento e os princípios de seu poder" (1958) alerta para o manejo do *acting out* ressaltando que ele comporta um endereçamento a alguém a quem o sujeito supõe um saber. No caso de Kris, seu analisando diz através de uma ação que ele roubava o "nada". O "nada" é uma referência ao objeto *a* que neste caso indica uma situação de angústia onde o

sujeito vive seu apagamento enquanto sujeito desejante. O analisando para não sucumbir à identificação com o objeto *a*, utiliza-se do recurso do *acting out* colocando o objeto em cena. Esse ato do analisando contido no *acting out* visa uma retificação, é como se o analisando dissesse ao analista: "Isso não".

No seminário X (1962-63/2005), Lacan retoma a questão do manejo do *acting out*, alertando que a interpretação é a única forma de manejo possível por parte do analista, no entanto, entre a interpretação e o *acting out* surge um impasse. Apesar do *acting out* clamar por interpretação, não é o sentido ele visa e sim o resto. “A interpretação não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito” (Lacan, 1964-63/2005, p.201).

A partir desta indicação lacaniana, Alberti (1995/1999) reflete sobre a estrutura do *acting out* e a exemplifica através de alguns atos falhos que, de acordo com a autora, possuem estrutura de *acting out*, ou seja, atos falhos que buscam uma interpretação de “resto”. Como exemplo de um ato falho com essa estrutura, cita o ato suicida indireto do Sr.K (do caso Dora) descrito por Freud em "Psicopatologia da vida cotidiana".

O ato de Sr.K é correlato a um esquecimento de si mesmo onde ele se deixa atropelar. O que resta da cena do atropelamento é que Dora o olhava do lado oposto da rua. Assim como na história do casal (Dora e Sr. K.), apesar dos investimentos amorosos de Sr K, Dora sempre se colocava do seu lado oposto. O resto da cena é o que importa na interpretação do *acting out*. Assim como no exemplo deste ato falho, o *acting out* mostra um movimento do sujeito que representa uma convocação ao Outro para interpretá-lo.

Lacan, no seminário X (1962-63/2005), retira elementos dos casos clínicos de Freud (caso Dora e o caso da jovem homossexual), para elaborar o desdobramento conceitual do *acting out*, o diferenciando do conceito de passagem ao ato. O caso Dora (1901), foi o primeiro caso clínico de Freud que trouxe a questão do *acting out* para o psicanalista. Freud avalia que Dora “atuou uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de produzi-las no tratamento” (Freud, 1901, p. 113). Dora encontrava-se num lugar de objeto de troca entre o pai e o sr.K.: enquanto seu pai cortejava a sra.K, Dora era exposta aos galanteios do Sr.K. Dora abandona o tratamento e a interpretação de Freud é que ela havia repetido com ele um movimento de sedução e abandono que ela fazia com sr.K.

Tanto o movimento de Dora direcionado a Freud quanto a cena do quadrilátero amoroso podem ser lidos como um *acting out*. "O *acting out* é, essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito. A ênfase demonstrativa de todo *acting out*, sua orientação para o Outro deve ser destacada" (Lacan, 1962-63/2005, p.137). Quando um *acting out* não encontra uma via no simbólico, ele pode evoluir para uma passagem ao ato.

Lacan destaca um ato da analisanda de Freud e o qualifica como uma passagem ao ato. De acordo com Lacan, Dora sustentava a montagem triangular entre o sr.K e a sra.K por conta de um desejo dirigido a sra.K e não ao cavalheiro. Dora compactua com a situação recebendo os cortejos do sr.K, até o dia em que ele lhe diz que a sra.K já não significava nada para ele. Diante desta declaração Dora lhe dá uma bofetada e foge para o bosque.

"Dora passa ao ato no momento de embaraço em que é colocada pela frase-armadilha" (Lacan, 1962-63/2005, p.130). A frase desencadeia a passagem ao ato que leva Dora sair de cena. Diante da opacidade do desejo do Outro que lhe diz que não deseja a sua mulher, que ela é um "nada" para ele, diante o vácuo da demanda Dora identifica-se com o "nada" e rompe com a cena.

O caso da jovem homossexual é o mais paradigmático em relação à passagem ao ato. Este caso relatado no texto "Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina" (Freud, 1920), diz respeito a uma jovem que é encaminhada a Freud aos 18 anos de idade após uma tentativa de suicídio. A história da homossexualidade da jovem de acordo com Freud, segue uma decepção em relação aos pais. Aos 16 anos, a jovem demonstrava um grande interesse em cuidar de bebês o que significava um desejo de ter um filho, em última análise, do pai. No entanto, quem engravida dele é a própria mãe, sua rival inconsciente. Ao se decepcionar com os pais, a jovem se apaixona por uma dama de má reputação. Desse modo se vinga do pai (que era contra essa paixão) e substitui a mãe como objeto de amor. A tal dama de má reputação era uma mulher dez anos mais velha do que a jovem, e era conhecida pela sociedade por ter comportamentos mal vistos e liberais em relação aos homens.

A jovem assume uma postura masculina e passa a cortejar insistentemente a dama, que recebe seus favores com certa reserva. Certa tarde, a jovem acompanhava a dama em um passeio na redondeza do escritório do pai, quando deparou-se com o mesmo. O pai, que era fortemente contrário a essa relação,

lança um olhar colérico e reprovador à jovem. Em seguida, como uma resposta ao olhar do pai, a dama termina o relacionamento com a jovem que, por sua vez, reage se jogando na linha trem.

Lacan comenta que, no momento da passagem ao ato, a jovem encontrava-se na encruzilhada entre o embaraço supremo (devido ao olhar do pai) e a emoção que “apodera-se dela, por súbita impossibilidade de enfrentar a cena que a namorada lhe faz” (Lacan, 1962-63/2005, p.125).

(...)as duas condições essenciais do que se chama propriamente de passagem ao ato realizam-se aqui. A primeira é a identificação absoluta do sujeito com o *a* ao qual ele se reduz. É justamente o que sucede com a moça no momento do encontro. A segunda é o confronto do desejo com a lei. É através disso que ela se sente definitivamente identificada com o *a* e, ao mesmo tempo, rejeitada, afastada, fora da cena. E isso, somente o *abandonar-se*, o *deixar-se cair*, pode realizar (Lacan, 1962-63/2005, p.125).

Freud faz uma análise a partir do significante "*niederkommen*" para situar o enquadre fantasmático que estruturou a passagem ao ato da jovem homossexual. Este significante pode significar "cair" ou "dar a luz". Assim Freud reconhece na passagem ao ato da jovem um duplo significado, o ato realizou um desejo (de parir) ao mesmo tempo que obedeceu uma necessidade inconsciente de autopunição. Freud marca que o sujeito não possui energia psíquica suficiente para se matar, salvo nas situações em que ele esteja identificado com um objeto. Neste caso, o sujeito dirige para si um desejo de morte que está ligado a um objeto que foi incorporado pelo sujeito.

Lacan diz que "o *niederkommen* é essencial para qualquer relacionamento súbito do sujeito com o que ele é como *a*" (Lacan, 1962-63/2005, p.124). O sujeito é identificado com um objeto que é enquadrado numa "relação profundamente conflitual do sujeito com seu mundo" (Lacan, 1956-57/2005, p.14). Trata-se do objeto perdido que é perdido desde sempre. O sujeito identifica-se com um objeto de outro mundo, que não pertence à cena. Dessa maneira ele perde-se junto com o objeto, sai para o mundo junto com o objeto.

O *acting out* tem como característica principal a compulsão à repetição. Ou seja, o sujeito repete sem saber que o faz sempre incluindo o Outro na cena. Mesmo sem subjetivar o seu ato, o sujeito denuncia algo do seu desejo, mostrando que sujeito e objeto encontram-se separados. Já na passagem ao ato o

sujeito encontra-se absolutamente identificado com o objeto *a*, e por essa razão ele rompe com a cena, em última análise o sujeito rompe com o Outro. O que angustia o sujeito não é a castração, mas positivá-la como garantia da função do Outro. "Neste lugar de falta o sujeito é chamado a dar o troco através de um signo, o da sua própria castração" (Lacan, 1962-63/2005, p.56).

Lacan no seminário XV ressalta que a passagem ao ato bem sucedida, ou seja, a única passagem ao ato que atinge o objetivo de saída plena do sujeito da cena para o mundo é o suicídio. Todas as outras passagens ao ato são tentativas de rupturas com a cena, mas no instante seguinte do ato, que não leva à morte, o sujeito rapidamente é absorvido pela cena e pela cadeia significante. Assim, *a posteriori*, uma passagem ao ato pode ser interpretada.

No *acting out* e na passagem ao ato o sujeito desejante encontra-se no lugar de objeto *a*, fenomenologicamente a saída de cena demarca a principal diferença entre as duas modalidades do ato.

A identificação do sujeito com o objeto é um tema tratado por Freud desde "Luto e melancolia" (1915 [1917]) como uma estratégia do sujeito para driblar a perda. Diante de uma perda significativa, o sujeito identifica-se com o objeto amado perdido numa tentativa de não perdê-lo. O trabalho de luto consiste na lenta, sofrida e relutante separação do objeto. O *acting out* e a passagem ao ato, ao contrário do luto, tentam escamotear a perda via identificação especular que por sua vez exclui a falta.

No seminário X, Lacan afirma que só é possível fazer o luto de alguém a quem supomos ter sido um dia causa de desejo, ou seja a quem cuja falta fomos. A identificação com o objeto perdido que se dá no luto é uma identificação com a "falta que habita o Outro, enquanto o Outro está barrado" (Rabinovich, 1992/2005, p.58). Assim no luto a identificação é com o objeto não todo.

Os rituais que o trabalho de luto implica servem para rodear o lugar da falta do Outro do qual um dia fomos causa de desejo. O luto comporta um ponto que é irredutível, que é incurável. Ele faz um furo no real na medida em que o objeto perdido jamais poderá ser substituído.

Confundir o objeto do desejo, o gadget que pode ocupar seu lugar, com o que éramos enquanto causa para aquele que não está mais, é também fugir dessa situação insustentável em que nos coloca o luto, a de "causa perdida", porque já é uma causa que não causa nada (Rabinovich, 1992/2005, p.59).

Falta a falta do Outro ao sujeito enlutado. Já o *acting out* e a passagem ao ato implicam justamente a recusa de um saber sobre a castração. A clínica do ato como diz Rabinovich (1992/2005), é uma clínica marcada pela impulsividade da qual destacam-se os casos de violência e de compulsões como a toxicomania e a bulimia. Essa clínica diz respeito a sujeitos que renunciam da sua condição de sujeito e assumem uma postura de não querer pensar, enfim não querer saber sobre a castração.

Lacan analisa no seminário IV o caso da jovem homossexual e a questão da alienação que a passagem ao ato comporta. A jovem após a sua passagem ao ato suicida não sofre mudanças subjetivas, pelo contrário, ela consegue mais tolerância dos pais e da dama. Esta observação sugere a ideia de que tanto o *acting out* quanto a passagem ao ato comportam algo de selvagem e certa alienação do sujeito.

Diante desses fragmentos que envolvem a questão da impulsividade nas modalidades do *acting out* e da passagem ao ato, vale ressaltar que Freud não definiu ao longo de sua obra de maneira mais detalhada um conceito teórico para a impulsividade como o fez para a inibição. No entanto encontramos sustentáculos teóricos para pensar a impulsividade, recorrendo às relações do impulso com o recalque na formação do sintoma. Afinal Freud indica que um impulso é sempre pulsional e tem uma tendência a descarregar a energia transformando-se em ato, no entanto o impulso pode ser recalçado e deslocado, configurando o sintoma.

A compulsão já seria um desvio do impulso, pois sob a influência do recalque o impulso encontra um substituto com a estrutura de formação de compromisso para descarregar energia. No entanto essa descarga não proporciona prazer ao sujeito, a qualidade dessa descarga é sentida como compulsiva, trazendo sofrimento em vez de prazer. A indicação de Freud é que assim como todos somos neuróticos, todos somos compulsivos em potencial, afinal a impulsividade faz parte da essência do humano que diz respeito à pulsão de morte.

No entanto é legítima a avaliação de que o nosso contexto cultural contemporâneo enfoca e enfatiza, a cada dia mais, perfis que sugerem uma patologia do ato, seja através da mídia salientando os casos de violência, seja através do saber médico, que não pára de produzir novas categorias diagnósticas e

novos remédios voltados para a questão da impulsividade.

O *Manual diagnóstico e estatístico dos distúrbios mentais* (DSM) elaborado pela *American Psychiatric Association* adota uma abordagem "liberal dos tratamentos, que submete a clínica a um critério de rentabilidade" (Roudinesco, 1999/2000, p.47). A subjetividade é eliminada das classificações diagnósticas e todo sofrimento psíquico é dividido em transtornos psiquiátricos que envolvem a ideia de cura via farmacêutica. O diagnóstico "Transtorno déficit de atenção" e o seu respectivo remédio "ritalina" é um exemplo de uma realidade produzida pelo mercado da indústria farmacêutica e seu subordinado, o saber médico.

O que a psicanálise tem a dizer sobre essa questão? Não é possível afirmar que hoje em dia existam mais sujeitos compulsivos e impulsivos do que em uma época anterior, no entanto é possível refletir sobre esse perfil clínico, dado que ele encontra-se em evidência no contexto contemporâneo chegando até a receber a classificação de "novos sintomas" pela psicanálise inglesa. Se a passagem ao ato tem a ver com a forma de enlaçamento do sujeito ao Outro, cabe uma investigação acerca da relação do social com estas modalidades clínicas marcadas pela dimensão da impulsividade.

4.2 Laço social e passagem ao ato

A agressividade não foi criada pela propriedade. Reinou quase sem limites nos tempos primitivos, quando a propriedade ainda era muito escassa, e já se apresenta no quarto das crianças, quase antes que a propriedade tenha abandonado sua forma anal e primária; constitui a base de toda relação de afeto e amor entre as pessoas.

Sigmund Freud

Para a psicanálise, o sujeito se constitui a partir da relação com o Outro inserido em um contexto cultural. Em o "Mal-estar na civilização" Freud aponta a pulsão de morte como inerente à constituição psíquica e responsável pelo ponto que é impossível de universalizar, ou seja, Freud delineia efetivamente o conceito de pulsão de morte como uma pulsão dessexualizada que não faz laço social. Portanto a pulsão de morte, que se apresenta na forma de uma pulsão

destrutiva, é incompatível com a cultura, e por isso o mal estar na cultura é inarredável.

A noção de pulsão de morte permitiu, no plano clínico, explicar como um sujeito se coloca, inconscientemente e de maneira repetitiva, em situações dolorosas, extremas ou traumatizantes, que reatualizam para ele experiências vividas anteriormente. Mas, do ponto de vista antropológico, serviu também para definir a essência do mal-estar na civilização, que se confronta permanentemente com os princípios de sua própria destruição. O crime, a barbárie e o genocídio são atos que fazem parte da própria humanidade, daquilo que é característico do homem (Roudinesco, 1999/2000, p.122-123).

Nesta citação Roudinesco toma as ideias freudianas formuladas em 1930 para endossar o pressuposto de que ainda que o homem seja um ser social que depende do Outro para existir, essa relação não é harmônica porque há algo do próprio humano que tende à destruição. Freud no "Mal-estar na civilização" já apontava para a infelicidade e angústia do homem inserido na cultura como decorrentes da pulsão de morte, acentuada pelo domínio das técnicas que controlam as forças da natureza. O homem como uma espécie de prótese de Deus tenta tudo dominar, exterminando a natureza e o seu outro semelhante.

Para Lacan a cultura é correlata do laço social, e a subjetividade por sua vez, se inscreve como resposta a esta relação do sujeito com o Outro e conseqüentemente com a cultura. No seminário XVII, Lacan denomina o laço social como discurso. Trata-se de um discurso "que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras" (Lacan, 1969-70/1992, p.11). Mediante a linguagem, nossos atos e condutas "se inscrevem no âmbito de certos enunciados primordiais"(ibid), que vão além das enunciações efetivas.

O discurso ordena a realidade na medida em que "não há realidade senão de discurso, ou seja, de uma ordem que opera no real, e que esse real, por assim dizer, a acomoda" (Soller, 1998, p.258). Soller alerta para esse aspecto universalizador do discurso que tenta "fazer funcionar 'um para todos' ao preço de uma exclusão. (...) exclusão do impossível de universalizar." (ibid).

O laço social esbarra em um ponto de resistência que é representado pelo objeto *a*, a parte excluída da linguagem e da sexualidade. A civilização exige que o sujeito renuncie dessa relação com os objetos de seu gozo em prol da própria civilização, afinal é preciso limitar o gozo de cada integrante

da sociedade para conter a sexualidade e a agressividade de cada um, para que possam se enquadrar nos discursos que organizam a sociedade.

O conceito de gozo promovido por Lacan é correlato à satisfação pulsional freudiana, além do princípio do prazer, que busca descarga ignorando a produção de prazer e impondo-se ao sujeito na forma de uma compulsão. "É propriamente aquilo que se dirige contra a vida" (Lacan, 1969-70/1992, p.47). O objeto *a* em seu caráter de objeto vazio é o objeto que causa o desejo; no entanto ele também pode tornar-se objeto do gozo na medida em que é preenchido por algum objeto que acaba fixando o sujeito em um único tipo de satisfação.

O laço social que é modulado pelos discursos é o modo proposto por Lacan de tratar do gozo. A maior fonte de sofrimento do homem, como adverte Freud, advém das relações com outros homens, justamente porque nenhum sujeito abre mão completamente do seu gozo, até porque a pulsão não é domesticável. O que varia conforme o tempo e o espaço são as formas oferecidas pela cultura para o sujeito gozar.

Freud, em "Totem e tabu" (1913), situa a introdução do sujeito no social a partir do ato parricida. Neste texto, Freud diz que o homem primitivo não era inibido em suas ações como o neurótico o é. A partir de um viés psicanalítico, o autor defende a idéia de que a civilização teria se fundado a partir de um ato.

Freud se utiliza de teorias antropológicas e da teoria da horda primitiva formulada por Darwin para embasar a idéia de que as organizações sociais são fundadas a partir de um ato criminoso. De acordo com o autor, a horda primeva era dominada por um macho tirânico que mantinha todas as fêmeas para si privando os demais machos da satisfação sexual. O desfecho do mito se dá com o assassinato do pai realizado pelos irmãos unidos contra a tirania do déspota.

Entretanto esse pai tirânico também provia e protegia a horda. O que o tornava igualmente odiado e amado. No momento em que os irmãos canibais o devoram passam a se identificar com o pai. O sentimento ambivalente dos filhos pelo pai é responsável pelo remorso que os faz elevar o pai a um totem santificado que deverá ser reverenciado. O pai morto torna-se muito mais poderoso do que quando vivo, na medida em que mesmo na sua ausência ele interdita os impulsos pulsionais instituindo os tabus de matar e o de cometer o incesto. O ponto de vista freudiano é de que o assassinato do pai funda a civilização, o que permite conceber o ato como a origem de um sistema social.

Rudge (1998) analisa o banquete totêmico como um ato necessário para a renovação do vínculo social, que pressupõe a castração, o interdito. “O banquete totêmico é a repetição e comemoração do evento fundador da humanidade. Como tal, é o ato que renova o vínculo social e apóia a função da moralidade” (1998, p.135). A repetição do ritual totêmico atualiza um corte, uma mudança provocada pelo ato. Assim é possível afirmar que antes vem o ato. A representação é sempre a posteriori.

(...) a representação é posterior ao ato, respondendo a ele; por razões estruturais, antes é o ato. A representação tem laços com o passado, mas também reflete os desejos do presente. Sugerimos a imagem de um movimento em espiral, em que o ato imprime efeitos no real que a representação depois visa abarcar. O domínio das representações possui alguma estabilidade ou inércia que o ato vem a quebrar, como um corte, exigindo um novo trabalho de elaboração no plano das representações (Rudge, 1998, p.135).

O assassinato do pai na teoria freudiana é o que constitui o homem como ser falante, ser da cultura. Tal ato representa um ato inaugural, um “operador estrutural” (Rudge, 1998, p.135) porque aponta para a castração simbólica, para a impossibilidade de um gozo absoluto, a partir do acordo fraternal.

O homem primitivo desenvolve a ação na medida em que acredita poder gozar plenamente assim como o pai. Já o neurótico restringe a satisfação pulsional ao plano imaginário privilegiando a fantasia e a inibição, uma vez que a satisfação direta com o objeto da realidade é limitada devido ao acordo feito entre os irmãos. Aí reside a genealogia do laço social.

Foi a partir deste ato de assassinato do pai que o homem primitivo substituiu o *tat* pela inibição. O *tat* é o ato que demarca uma ruptura, o que leva Alberti (1999) remetê-lo ao ato suicida, que, de acordo com Lacan, é a única passagem ao ato bem sucedida.

Os perfis que enquadram-se na clínica do ato aproximam-se da dinâmica do homem primitivo. Assistimos ao declínio do totem ao depararmos com a destituição da figura do grande pai gozador encarnado nas figuras de autoridade e principalmente na figura de Deus. “(...) Diante da frase do velho Karamazov, *se Deus está morto, então tudo é permitido*, a conclusão que se impõe no texto da nossa experiência é que *Deus está morto* tem como resposta *nada mais é permitido*” (Lacan, 1969-70/1992, p.126). É a morte do pai que edifica a interdição ao gozo. Lacan no entanto adverte que a psicanálise não faz apologia à

religião, pelo contrário "a ponta de lança da psicanálise é justamente o ateísmo" (ibid).

O que Lacan enfatiza é que o mal-estar, como presentificação da exigência pulsional impossível de satisfazer, existe e subsiste em qualquer cultura e toda forma de laço social. Cada época dita novas formas de gozar. Em "Totem e tabu" (1913), Freud reconhece o declínio do poder patriarcal, tirânico e ilimitado, como um operador fundamental para a instituição do campo simbólico, que define todos os homens como sujeitos à divisão subjetiva e à falta. É preciso que a figura tirânica esteja viva como uma imagem, como um símbolo que una os demais sujeitos em um laço fraternal.

O complexo de Édipo também marca uma sociedade democrática na medida em que mostra a expressão de dois desejos recalcados (incesto e parricídio) contidos nos dois tabus que fundam e sustentam a sociedade dita civilizada ocidental humana. O fim trágico de Édipo também inaugura a derrota do tirano que tudo pode, a favor de uma sociedade democrática fraternal, na qual todos estão sujeitos a retaliação caso ultrapassem os tabus da sociedade. De acordo com Santos (2001),

O mito freudiano do complexo de Édipo enaltece a importância do pai como agente da castração. Seu valor é simbólico porque o pai está morto, não há mais representantes legítimos da autoridade divina na terra. A época vitoriana viu florescer essa nova espécie de religião que são as supertições e mitos individuais do neurótico obsessivo (...) O pai vale menos por sua autoridade efetiva no mundo dos vivos e mais como objeto de nostalgia religiosa (...) (Santos, 2001, p.304-305).

A época vitoriana testemunhou a posição neurótica como resposta ao mal-estar da época. No entanto a sociedade atravessou mudanças que modificaram radicalmente o regime das relações de trabalho. Os movimentos em prol da igualdade entre os sexos e entre as gerações foram fundamentais para a mudança de uma sociedade patriarcal para uma sociedade marcada por uma perspectiva igualitária onde todos podem gozar.

Por conta das mudanças sociais, a figura de Deus/Pai sofreu ao longo de anos um declínio importante que acabou comprometendo o laço social fraternal. A falta de uma figura que possa regular o gozo levou o sujeito a novas formas de fazer laços e de gozar. Lacan aponta para a substituição da figura de Deus pela ciência. Hoje é ela quem dita como gozar.

A ciência submetida ao mercado capitalista não limita mais o gozo entre os sujeitos, ao contrário ela incita o gozo e sugere que não há limites para o gozo,"(...) O discurso do qual se engendra nossa realidade fabrica semblantes a gozar para todos" (Soler, 1998, p.259).

Lacan no seminário XVII (1969-70/1992) analisa o mal-estar na civilização de acordo com cada discurso que segundo o autor, ordena a cultura. São quatro formas de relacionamento entre as pessoas que exigem delas uma renúncia de gozo, trata-se do ato de governar, educar, analisar e desejar.

De forma sucinta, Lacan diz que para governar é preciso fazer um laço onde o discurso do mestre predomine a partir da noção de poder. Quanto a educar o laço correspondente é o discurso universitário onde domina o saber. Analisar é um ato circunscrito no discurso analítico onde o analista apaga-se da posição de sujeito para tornar-se causa libidinal no processo analítico. E por fim o ato de desejar pertence ao discurso da histérica que é referente ao sujeito que interroga sobre o desejo e convoca o mestre a querer saber e produzir saberes.

Quanto à substituição da figura paterna pelo saber científico, implica em efeitos tanto no discurso universitário quanto no discurso do mestre. De acordo com Roudinesco (1999) a maquinaria científica tenta a qualquer custo localizar na anatomia cerebral os males da alma reduzindo o sujeito a neurônios e diagnósticos, afinal a ciência transforma o homem em objeto de estudo.

Lacan em 1970 no seminário XVII relaciona o mal-estar contemporâneo ao desempenho da ciência no lugar do discurso do mestre. Em relação à ciência Lacan diz: "(...) A ciência se refere apenas a uma articulação, que só se concebe pela ordem significativa, é que ela se constrói com alguma coisa da qual antes não havia nada"(Lacan, 1969-70/1992, p.170). Logo os objetos construídos pela ciência não são de forma alguma naturais. A ciência não surge como uma busca apurada das verdades e das essências das coisas, ela surge para formalizar uma verdade.

A articulação da ciência ao discurso do mestre implica na redução do homem a um objeto de estudo que insistentemente conduz a novos saberes no lugar em que não havia nada, só real.

Eis o que é importante captar (...) do esquecimento desse mesmo efeito. Todos quantos somos nós, à medida em que o campo se estende pelo fato de a ciência

desempenhar, talvez, a função do discurso do mestre, não sabemos em que grau- pela razão de que nunca soubemos em qualquer grau- cada um de nós é determinado primeiro como objeto *a* (Lacan 1969-70/1992, p.170).

Lacan indica o lugar de objeto como o lugar para o qual o saber científico empurra o sujeito que, pela via do discurso do mestre, ordena ao sujeito que ele consuma objetos que prometem um sujeito melhor e adaptado ao saber científico (seja tomando remédios, fazendo ginástica ou consumindo produtos que prometam algum tipo de felicidade).

Lacan qualifica o lugar onde se situam as "fabricações da ciência" (ibid) como aletosfera. Trata-se do lugar de uma verdade puramente lógica ocupada por objetos sem substância, uma vez que, pela via da percepção, nunca chegaríamos a eles. Os objetos que sustentam esse lugar de verdade fabricada pela ciência são as *latusas*. A ciência fabrica objetos que servem para causar o desejo do sujeito, e eles se proliferam em grande escala "no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines" (Lacan, 1969-70/1992, p.172).

Lacan aponta para uma mutação no discurso do mestre que é responsável pela manutenção de sua dominação na cultura moderna. Lacan fala de uma mutação capital que "confere ao discurso do mestre seu estilo capitalista" (Lacan, 1969-70/1992, p.178). Trata-se da invasão do capital que tem como efeito maior a globalização. O discurso do mestre com seu estilo capitalista promove um outro tipo de laço social não mais pautado no laço fraterno, onde todos abrem mão do gozo em prol da sociedade, mas promove um laço do sujeito com os objetos de consumo rápido fabricados pela ciência, enfim um laço com os objetos dos quais Lacan nomeou *latusas*.

O discurso do mestre dotado de um estilo capitalista sustentado pela ciência promove imperativos que ordenam o sujeito a gozar. A substituição da religião pela ciência no discurso do mestre promove outro pacto, que não o fraternal, que surge baseado na premissa de que todos podem gozar, todos podem ocupar o lugar do Pai/Deus tirânico. Soler reconhece nos imperativos de produção capitalista a mesma lógica do supereu freudiano.

Sem dúvida a ciência forneceu aí novos meios que conseguiram subverter a nossa realidade. O destino dos sujeitos e os estados dos laços sociais se encontram mudados (...) os novos produtos postos no mercado, mais utilitários que as ficções de Bentham, são novas "matérias para fazer sujeito", parceiros prontos-a-gozar, válidos para qualquer um, como se diz, e dos quais se remaneja o conjunto de laços sociais (Soler,1998, p.261).

O laço fraternal é substituído pelo laço do sujeito com objetos do tipo latusa, que são inventados pela ciência como sendo verdadeiros objetos do desejo. São objetos descartáveis mas que estão sempre ao alcance de todos que possam pagar por ele. Essa relação do sujeito com tais objetos o isola em um movimento auto-erótico onde a dimensão do Outro, da alteridade fica comprometida.

Assim como o patriarcalismo, ao proibir o gozo, produzia sintomas da ordem de uma formação de compromisso, ou seja sintomas da ordem de uma metáfora a ser decifrada, a ciência, ao estimular o gozo, produz um tipo de laço onde a impulsividade caótica revela-se como uma resposta a este discurso. O mal-estar na cultura capitalista persiste apesar dos esforços de universalização do sujeito através do imperativo de consumir, enunciação que implica a ideia de que todos podem ser iguais, todos podem gozar ilimitadamente de acordo com os instrumentos que venham a adquirir.

De acordo com Santos (2001), a moral burguesa do trabalho, que convoca o sujeito a recalcar o gozo a favor da produção cultural, cedeu lugar a uma nova moral que dita que é proibido proibir. "Em vez do recalque da sexualidade vivemos uma espécie de 'sobrevivencialismo'" (Santos, 2001, p.309). Essa lógica reduz o homem a um ser de necessidades impulsionado a agir sem pensar, em prol da sua própria sobrevivência.

O discurso individualista do mercado promove novas estratégias de linguagem (via marketing) para criar ilusões narcísicas de completude. Daí a mudança de paradigma do Édipo para Narciso. Do laço democrático para um laço com objetos de complementariedade narcísica. Na perspectiva da sociedade como mercado, o corpo torna-se objeto, o corpo vira capital. O sujeito no lugar de objeto se coloca à mercê do saber científico, que submetido ao capitalismo, ordena que o sujeito consuma até consumir-se como objeto.

Os sujeitos que constituem os perfis da clínica do ato são sujeitos que não conseguem se afirmar conforme o modelo moderno, na medida em que esses sujeitos denunciam o mal-estar produzido pelo discurso que organiza a sociedade. Dito de outra forma, eles gozam como manda o discurso, no entanto gozam mal, afinal denunciam que a fórmula capitalista de gozo não consegue universalizar a forma de gozar.

Gozo e desejo são antagônicos na medida em que é preciso abrir mão do

gozo para se desejar. Se a passagem ao ato tem a ver com um não querer saber nada sobre a castração, ela diz respeito a um sujeito do gozo que faz sem saber que está fazendo sob a pressão de um imperativo de gozo.

Freud e Lacan partem de uma prática onde a dimensão política é inerente à dimensão clínica, uma vez que o sujeito é social e sobretudo pulsional. É no ajuste dos relacionamentos do sujeito com o Outro que encontramos a pulsação psíquica da impulsividade como uma busca ao Outro, e a passagem ao ato como uma desistência do Outro e uma fuga para outro mundo, ou seja para a morte.

O sujeito reduzido ao objeto perdido que não é significável pela linguagem, encontra-se no limiar da angústia e age para fugir de tal situação. Age, ainda que seja de forma selvagem e alienada, em relação a um saber que implique a castração. É o saber que implica a castração que permite situar um enlace do sujeito ao desejo.

A impulsividade que se manifesta nas modalidades clínicas da passagem ao ato e do *acting out* é uma resposta a um tipo de laço do sujeito com o Outro onde o elemento da castração está comprometido. Os objetos produzidos pela ciência entram no lugar da alteridade criando um laço social perpassado por uma lógica narcísica auto-erótica do sujeito com os objetos.

As manifestações de impulsividade, sobretudo as passagens ao ato como vimos existem na prática clínica e na literatura desde seus primórdios, no entanto cabe a reflexão psicanalítica sobre a implicação do laço social na precipitação da passagem ao ato. Esta relação entre laço social e passagem ao ato mostra o quanto o sujeito é determinado pelo Outro. Sendo assim, a psicanálise mostra-se como um importante instrumento teórico-clínico para lidar com essa questão, uma vez que ela trabalha a partir do laço social. A proposta psicanalítica é dar voz aos sujeitos, que, por sua vez, buscam um acolhimento que os reconheçam enquanto sujeitos.